



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

Instituto de Ciências Humanas (IH)

Departamento de Geografia (GEA)

Rayanne dos Santos Barbosa

14/0030786

**LEITURAS DO ESPAÇO DE ESTUDANTES EM MOVIMENTO PENDULAR CASA-
ESCOLA NO DISTRITO FEDERAL - BRASIL.**

Brasília

2020

Rayanne dos Santos Barbosa
14/0030786

**LEITURAS DO ESPAÇO DE ESTUDANTES EM MOVIMENTO PENDULAR CASA-
ESCOLA NO DISTRITO FEDERAL - BRASIL.**

Brasília
2020

**LEITURAS DO ESPAÇO DE ESTUDANTES EM MOVIMENTO PENDULAR CASA-
ESCOLA NO DISTRITO FEDERAL - BRASIL.**

Trabalho final, apresentado a
Universidade de Brasília, como
parte das exigências para a
graduação no curso de Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Pofa. Dra. Marli Sales
Orientadora

Prof

Prof

Brasília
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, aos meus amigos, aos meus professores e aos anos que passei na Universidade de Brasília.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar. (Paulo Freire)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Desenvolvimento.....	8
2.1 A educação geográfica e o lugar.....	8
2.2 Deslocamento de estudantes em Brasília.....	9
2.3 A leitura do espaço por estudantes em deslocamento.....	16
3. Considerações finais.....	16
4. Referências Bibliográficas.....	12

Introdução

De acordo com as formulações teóricas mais recentes, a reflexão acerca do papel que a Geografia Escolar desempenha na formação dos alunos de educação básica deve ser relacionada à compreensão e a apropriação pelos mesmos do seu espaço vivido, para que sejam ativos nas práticas de política e decisões econômicas, Segundo a professora Lana Cavalcanti, os ensinamentos de geografia têm sido reformulados e readaptados para que os alunos compreendam os fenômenos e se questionem os motivos para que aconteçam de determinada forma e em determinado lugar, isso se torna norteador para a compreensão porque orienta e acentua os trabalhos a partir de um ponto de vista que é particular da geografia, a localização. “Uma das propostas de se conceber a especificidade da Geografia que lhe parece bastante rica e que encaminha outra abordagem de conteúdo nas aulas dessa disciplina é a de que sua perspectiva é a de responder às perguntas: onde e por que nesse lugar?” (CAVALCANTI, 2002 p.13).

Considerando a importância do espaço vivido nas aulas de Geografia e, diante da realidade de muitos discentes que são obrigados a se deslocar, em várias partes do Brasil, num movimento pendular, de casa para a escola, este trabalho parte da pergunta de como isso interfere na leitura dos alunos sobre a geografia do seu espaço vivido. Nossa hipótese é de que interfere no âmbito do ensino geográfico assim é importante que o espaço vivido seja o ponto de partida em sala de aula, para que o conhecimento geográfico tenha caráter prático,

Existe também o aspecto relacionado a rotina dos estudantes que precisam fazer este movimento todos os dias, se deslocar por um longo trajeto para chegar às escolas, e ter acesso ao ensino integral por exemplo, que prevê turno único, das 7:30 horas às 17:30 horas, com alimentação saudável, higiene, formação de boas maneiras, valores, além da socialização dos estudantes, bem como seu envolvimento com todos da unidade escolar.

Essa pesquisa discute essa questão a partir da análise da realidade do Distrito Federal, Brasil, já que a qualidade das escolas no Distrito Federal não é universalizada, algumas instituições de ensino adotam bons critérios, tem uma boa infraestrutura e cuidados pedagógicos. Em contrapartida temos instituições que encontram-se depredadas e em condições adversas, o que estimula o movimento

pendular dos alunos saindo das suas Regiões Administrativas onde moram para uma escola distante.

Como metodologia usamos revisão bibliográfica sobre os temas relacionados a geografia escolar, mobilidade urbana, movimento pendular diário e a socioconstrução do conhecimento como ferramenta, sendo ela a maneira mais eficaz das definições geográficas para as aptidões serem desenvolvidas. Realizamos também entrevistas com três estudantes residentes da Região Administrativa de Samambaia, Distrito Federal.

A entrevista foi realizada através de ligações e também por mensagens de texto, e foi conduzida de maneira que eles se sentissem à vontade para demonstrar suas perspectivas. em relação às necessidades de deslocamento, se o lugar que eles moram é considerado em sala de aula e como, Foram feitas perguntas que apontem o tempo que eles fazem o movimento pendular, de casa para escola e vice-versa, entender a necessidade desse movimento, quais as semelhanças e diferenças que eles enxergam entre a RA que eles moram quando comparada a RA que eles estudam, quais as dificuldades de estudar longe casa, as vantagens e quais são elas e se o lugar onde eles moram aparece em sala de aula e a maneira como é abordado. As respostas das entrevistas foram tabuladas e analisadas com metodologia qualitativa.

Buscamos compreender a partir das vivências e do contexto em que os alunos estão inseridos, as definições atreladas para que a aplicação torne o aluno um indivíduo ativo e pulsante dentro de sala de aula

Para que também torne possível a assimilação de conceitos como clima, vegetação, relevo, globalização, política e economia e para que compreenda como estão relacionados. Os alunos são protagonistas desses processos e fenômenos, o deslocamento dos alunos e como eles enxergam e encaram este processo de movimento pendular diário, na percepção que os alunos têm do território que eles moram e estudam, suas semelhanças e diferenças, a importância de responder a alguns questionamentos relativos ao espaço da escola, aos alunos e a comunidade em que toda a aprendizagem é desencadeada, é significativo inferir a concepção que os alunos têm da comunidade, dos professores, dos ensinamentos de geografia e essas conclusões serão pautadas em entrevistas, conversas informais e observações.

Estudamos também a evolução do DF, A consolidação do Distrito Federal e dinâmica espacial, concomitante as disparidades entre as escolas que acarretam o deslocamento dos estudantes de suas Regiões Administrativas até o Plano Piloto. Em seguida fizemos um levantamento a partir dos dados primários do com base nas tabelas elaboradas pelo INEP a fim de identificar quais as RAS com maior deslocamento de estudantes.

Foram aplicadas entrevistas a 3 estudantes que Os jovens em questão residem na Região Administrativa XII - Samambaia e estudam na Região Administrativa 1, Brasília na instituição Centro de Ensino Fundamental Polivalente.

1. A educação geográfica e o lugar.

O ensino de geografia nas escolas deve construir os saberes geográficos como instrumentos básicos para a leitura e o questionamento do mundo e dos fenômenos que nele se manifestam, pois “o desenvolvimento do aluno não se restringe à sua dimensão intelectual, mas inclui as dimensões física, afetiva, social, moral” (Cavalcanti, 2002, p.15)

Para Callai (1998, p.56), a Geografia é a ferramenta que analisa e procura desvendar e conhecer o espaço que o homem produz e se apropria, e enquanto uma disciplina discutida em sala de aula, permite que o aluno “se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”.

Diante disso, Rego aponta:

As condições de moradia, a estrutura fundiária, as relações de trabalho no campo e na cidade, as relações com o ambiente, são fatos que condicionam a vida de todas as pessoas e as pessoas, então, têm as suas vidas mergulhadas dentro dessa geograficidade. E elas vivem esses fatos e têm a sua vida no dia-a-dia influenciadas por eles, por exemplo: o preço que se paga de aluguel por um imóvel, ou pela prestação da casa própria, o preço que se paga pelo transporte, ou o tempo de deslocamento diário que é necessário fazer até o trabalho. São fatos geográficos que contextualizam e influenciam fortemente a vida de uma pessoa. (Rego, 2001, p.173)

O papel que a Geografia desempenha nesse cenário é fundamental, tão importante quanto o aluno se formar um cidadão crítico e agente ativo do seu conhecimento. Assim, o saber geográfico só tem sentido a partir do momento em que o sujeito compreende que esses saberes são ferramentas para identificar os problemas da sociedade em que está inserido e atuar como agente das soluções e discussões dessas dificuldades que cercam o indivíduo e o seu território.

O espaço vivido e as experiências do aluno no cotidiano e contexto em que este está inserido são ferramentas cabais no processo de ensino- aprendizagem, “o estudo do lugar é a matéria-prima da Geografia, porque a consciência do lugar é uma parte imediatamente aparente da realidade, e não uma tese sofisticada. Assim, o conhecimento do lugar é um simples fato da experiência” (Holzer, 1999, p. 69). Se torna especialmente relevante que a geografia pode ser compreendida e trabalhada a partir dessa perspectiva local (Rego, 2001, p.172)

2. Deslocamento de estudantes em Brasília

O planejamento urbano para Brasília, a partir da década de 60, ensejou uma expansão urbana de grande expressão populacional e funcional, possibilitando o surgimento de favelas. Isso obrigou a implantação de novos assentamentos, ainda destituídos de infraestrutura e capacidade de gerar novos postos de trabalho. Isso favorece a visão de uma cidade excludente, com “guetos” em que se alojaram os empobrecidos”. (Paviani, 2007 p.16) Os recursos e a qualidade de vida são destinadas ao centro.

A construção de Brasília e a ideia de uma nova Capital Federal para o Brasil foi constituída no governo de Juscelino Kubistchek (1956-1961) que propunha uma política nacional-desenvolvimentista que procurava atender a necessidade de um ponto central que promovesse a integração entre centros urbanos e o interior do país através de um sistema rodoviário, transferindo a capital do país do estado do Rio de Janeiro para o Centro-Oeste.

Contudo, Brasília havia sido planejada e pensada para uma população que os modernos acreditavam ter descoberto a fórmula ideal, baseada em necessidades universais de um ser humano genérico – inexistente (Costa 1995

p. 319), entretanto a segregação espacial não se deu no decorrer do tempo, mas nasce com a capital e de maneira violenta. A “cidade real” se impôs e ocupações

começaram a surgir, trabalhadores migrantes instalavam-se com suas famílias em assentamentos informais sendo alguns muito próximos ao Plano Piloto.

Segundo Penna (2012 p.116), o governo reagiu e o planejamento urbano estatal caracterizou-se, além da construção do Plano Piloto, pela realização de programas governamentais de assentamentos para habitação periférica para mais além, promovendo segregação sócio-espacial e originando os núcleos satélites que assumem grande heterogeneidade social, econômica e cultural.

A consolidação da cidade de Brasília deve ser entendida no contexto da dinâmica e da ocupação do território do Distrito Federal e das peculiaridades desse processo (Penna 2012 p.115), que resultou num de seus atributos mais problemáticos e dicotômicos: o Plano Piloto – bem equipado em infraestrutura urbana, empregos, educação, saúde, lazer e cultura – e uma imensa periferia, até hoje precariamente servida.

O Plano Piloto detém grande maioria dos empregos totais do Distrito Federal, mas uma parcela muito pequena de sua população; Uma maioria esmagadora dos cidadãos se desloca diariamente das suas regiões administrativas para terem acesso à cultura, lazer, saúde, mas principalmente à educação e emprego. (CODEPLAN, 2012; Miragaya, 2013).

Toda essa estruturação violenta e acelerada do Distrito Federal deu-se a fim de segregar o topo da pirâmide social da sua base, o mercado capitalista e a especulação imobiliária inerente a ele colabora com esse processo. Segundo Penna (2012 p.114), quanto maior a internacionalização dos interesses financeiros e imobiliários sobre o espaço urbano, maiores são as fragilidades econômicas e sociais impostas às cidades.

É neste contexto que se dá a necessidade do movimento pendular diário dos estudantes entre as escolas situadas no Plano Piloto e suas casas situadas em regiões administrativas. De acordo com o censo de 2010 famílias de poder aquisitivo na base da pirâmide social localizam-se, em média, a 26,6km do centro do Plano Piloto; as do topo da pirâmide social localizam-se, em média, a 5,1km do mesmo ponto (Holanda, 2016).

Os operários que trabalhavam na construção da nova capital do país, que era a execução de um dos Planos de Metas do então presidente Juscelino Kubitschek, traziam consigo as suas famílias e o fluxo migratório para o Planalto Central aumentava gradativamente de maneira cada vez mais acelerada. O número de crianças preocupava o poder público e a partir dessa movimentação intensa da população em direção a capital que estava sendo edificada, surge então à necessidade da fundação de escolas provisórias por parte do Departamento de Educação e Difusão Cultural, que neste momento recorre ao educador Anísio Teixeira, diretor do INEP, para colaborar com a implementação dessas instituições provisórias e também para desenvolver a sistematização da educação na nova capital do Brasil.

No fim deste mesmo ano foi criado o Departamento de Educação e Difusão Cultural a fim de que atividades fossem desenvolvidas no âmbito da educação para a população como uma medida paliativa e provisória, até que uma política educacional definitiva fosse instituída.

O plano de construções escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital Federal oferecer à Nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do País (Teixeira, 1961 p.195).

Os planos urbano e educacional mostram que o objetivo de Teixeira era “distribuir equitativa e equidistantemente as escolas no Plano-Piloto e Regiões Administrativas, de modo que a criança percorresse o menor trajeto possível para atingir a escola, sem interferência do tráfego de veículos, para a comodidade e tranquilidade de pais e alunos.

A mancha urbana e a população do DF superaram significativamente o que foi planejado. Desejava-se a construção de uma capital com 500 mil habitantes e, atualmente, apenas nos limites do DF, a população estimada supera os 3 milhões (Bezerra, 2015)

O presente trabalho aborda a relação entre duas Regiões Administrativas, Samambaia e Plano Piloto, que estão distantes uma da outra, aproximadamente 39 quilômetros.

Samambaia foi criada no dia 25 de outubro de 1989, para assentar famílias oriundas de ocupações vindas de diversas partes do país para o Distrito Federal. Com a oficialização, através da lei 49 e decreto 11.291, se tornou a 12ª Região Administrativa do Distrito Federal – RA XII/DF, e passou a ser urbanizada (Assessoria de Planejamento e Ordenamento Territorial – ASPOT/RA XII).

A concretização da ideia da Capital ocorreu no governo de Juscelino Kubitschek. Em 1957, o Plano Piloto de Lúcio Costa foi selecionado vencedor pela comissão julgadora do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. A inauguração ocorreu em 21 de abril de 1960 (Assessoria de Planejamento e Ordenamento Territorial – ASPOT).

As primeiras ideias da transferência da capital para o interior surgiram no século XVIII. Em 1891, a primeira constituição republicana dispôs sobre uma área de 14.400km² no Planalto Central, onde seria erigida a nova capital federal. Brasília foi acrescentada como meta nº 31 do Plano de Metas 1956-1961, mas se tornou a “meta– síntese”.

Segundo o Codeplan, no que tange ao deslocamento no Plano Piloto: 16,1% responderam utilizar ônibus; 71,8% informaram utilizar automóvel; 1,2% afirmaram utilizar motocicleta; 2,8% utilizam a bicicleta; e 12,1% caminhavam até a localidade laboral. Sobre a duração deste trajeto, até 15 minutos foi o tempo de deslocamento mais reportado (Codeplan, DIESPS, GEREPS, PDAD 2018).

Já na Samambaia, segundo a Codeplan, no que tange ao deslocamento: 49,9% responderam utilizar ônibus; 32,1% informaram utilizar automóvel; 6,8% reportaram o uso de metrô; 4,7% afirmaram utilizar motocicleta; 1,6% utilizavam a bicicleta; e 14% caminhavam até a localidade laboral (Codeplan, DIESPS, GEREPS, PDAD 2018).

3- A leitura do seu espaço por estudantes em deslocamento

Para a análise das razões e das condições que levam os estudantes a se deslocarem, decorrentes da procura por melhores instituições de ensino, tanto no aspecto da qualidade de ensino quanto na infraestrutura oferecida, foi elaborada uma entrevista semiestruturada para a visualização da realidade desses alunos e compreender a perspectiva que eles têm em relação a este processo de movimento pendular diário.

Os adolescentes entrevistados estão entre a faixa etária de treze e quatorze anos. São três alunos do sexo masculino e serão identificados a partir da primeira letra de seus nomes, D, B e L. Quando questionados sobre a necessidade e o tempo em que convivem com a necessidade de deslocamento, os estudantes afirmam que em média há nove anos eles estudam distante de onde moram, isto é, o movimento pendular teve início desde o Ensino Infantil.

A primeira questão que buscamos elucidar é quanto aos fatores que levaram a essa migração. Nas respostas, apareceram fatores como na perspectiva dos estudantes a necessidade do deslocamento da Samambaia para o Plano Piloto começou a partir da carência de escolas, *“minha mãe não conseguiu vaga, aqui perto de casa também não tem escola, já que tinha que pegar ônibus de qualquer jeito, ela quis que eu fosse pro Plano, fica perto da patroa dela também”* próximas a onde eles moram, além disso, a questão da qualidade de ensino, *“não sei muito, uns amigos meus reclamam da sala cheia, na minha escola tem muitos projetos, teatro, feira de ciências, a deles não”* e também foi mencionada pelos estudantes entrevistados. ao passo que as mães trabalhavam no Plano Piloto, uma delas como cobradora de ônibus e as outras duas como empregadas domésticas.

Apresentemos o caso de B que estuda no CEF Polivalente, no 7º ano. O menino tem 13 anos e vive com a mãe e seus irmãos. Passou a ir para a escola sozinho a partir do 4º ano, decisão que não foi tomada por ele, mas pela mãe. Todos os dias, o menino acorda às 5h e, após se arrumar, é acompanhado pela mãe até o ponto de ônibus. Ele toma o ônibus que rumo à Asa Sul. B já conhece o motorista, sabe que o ônibus tem detalhes na cor amarela e, às vezes, conta com o letreiro 'W3 Sul e Norte' na parte frontal. Carlos relata que já se distraiu no ônibus e não tocou o sinal no ponto próximo à escola, relata também ter passado do ponto de ônibus por ter adormecido sem querer. Dado o acidente causado por ter parado no ponto seguinte, passou a prestar atenção redobrada e, como estratégia, segue outros dois colegas da escola na hora de partir do ônibus. Ele passa por 49 paradas até chegar ao ponto de ônibus próximo à escola.

Considerando que o trajeto de ônibus na ida para a escola demora 1h30min diariamente, em uma semana, B passa 7h30min nesse transporte. Considerando o mesmo tempo na volta para casa, ele permanece mais 7h30min no ônibus. Ao todo, durante uma semana no transporte B passa 15 horas no transporte público. *“Eu já chego na escola cansado e com muito sono, às vezes já chego pensando na hora de*

voltar pra casa". No momento dessa afirmação o estudante foi questionado em relação às atividades e trabalhos escolares a serem desenvolvidos em casa, *"eu me sinto desmotivado, fico cansado pra fazer dever de casa, não consigo me concentrar"*

Os estudantes entrevistados quando questionados em relação ao trajeto e as observações que faziam sobre as mudanças de paisagem relataram, *"eu vejo o Plano diferente, diferente dos outros lugares, acho mais bonito"*. Foram pontuadas como mudanças na paisagem a infraestrutura da cidade em si, como lojas, shoppings, construções, *"as casas são maiores, mais bonitas"*, hospitais, parques, quadras de esporte, *"prefiro jogar bola na quadra perto da escola, é novinha, só queria que o meu time daqui (Samambaia) pudesse jogar comigo"* escolas, calçadas, lixeiras, ruas arborizadas, maior segurança.

Quando conversamos a fim de comparar o lugar onde eles moram com o lugar que eles estudam, os apontamentos que eles fizeram além da paisagem, fizeram observações em relação a vizinhança, *"é engraçado as pessoas caminhando e passeando com os cachorrinhos pequeninhos, aqui na Samambaia parece que o povo já acorda na correria"*.

Os apontamentos feitos pelos alunos entrevistados é que as diferenças entre o Plano Piloto e a Samambaia estão sempre relacionados a beleza, a qualidade usando adjetivos como (mais bonito, melhor, novo), os processos políticos, econômicos, culturais- ideológicos que estão por trás dessa trama (LACOSTE, 1993) deveriam ser abordadas nas aulas de geografia, que são ministradas duas vezes por semana, entretanto quando os alunos foram questionados sobre como a Região Administrativa de Samambaia aparece em sala de aula *"a gente nem fala das cidades daqui, parece que a gente só estuda os outros lugares, longe"* (Distrito Federal)", quando questionados se em momento nenhum o lugar que eles moram é mencionado, a resposta foi *"a gente fala sobre os problemas"*, e eles reiteram sobre isso *"ah, a gente fica triste, eu gosto daqui, das pessoas, de brincar, dos meus amigos, tem a capoeira também..."*

Continuando o assunto sobre a perspectiva deles em relação onde eles estudam e moram, segundo eles *"acho o Plano diferente de todos os outros lugares, pra todo lugar tem quadra (vocês gostam de futebol em!), tem uns parques legais, cheios de coisas"*, e quando mencionada a Samambaia para que eles falassem também, eles

reiteram *“aqui também tem, mas não é novinho como o de lá, não tem um monte igual no Plano”*.

Continuamos falando sobre as moradias, *“nossa, lá só tem mansão, casa de andar, agora mesmo tá tudo cheio de luz, decorado pro natal, aqui não tem isso, deve ser porque o povo quebra”*, neste momento a necessidade de entender como eles enxergavam toda essa diferença a partir da perspectiva deles surgiu. Então começamos a falar sobre isso, *“eu acho as pessoas daqui mal educadas, jogam lixo na rua, fica tudo sujo, deve ser por isso que o governo não põe lixeira, não adianta”*. L acrescentou *“e quando chove? as ruas viram enchentes”*

Depois destas afirmações, falamos também sobre responsabilidades, é importante compreender como os alunos enxergam como encarregado dessas questões apresentadas por eles, quando perguntados sobre isso, D afirmou, *“o governo que precisa resolver esses problemas, mas eles não se preocupam com isso, não ligam pra gente”*, neste momento foi questionado o porquê, *“político só liga pra quem tem dinheiro, não fazem quase nada pela gente, e quando fazem o povo daqui mesmo destrói”*.

Nas considerações que os alunos fizeram, obtidas a partir da entrevista realizada, é possível apreender no discurso que eles reproduzem inúmeros temas a serem explorados nas aulas de geografia para que a disciplina assuma caráter prático.

A reflexão acerca do papel que a Geografia desempenha na formação dos alunos de educação básica deve ser relacionada à compreensão e a apropriação do espaço vivido, para que os discentes sejam ativos nas práticas de política e decisões econômicas, as questões que os alunos mencionaram acima, sendo abordadas nas aulas semanais incitam questionamentos e reflexões capazes de tornarem estes alunos protagonistas dos processos que o cercam.

O saber que deve ser construído nas aulas de geografia com a mediação do professor é caracterizada como a geografia dos Estados-maiores, *“é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos variados referentes ao espaço, esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder”*. (Lacoste, 1994, pg.31).

Entretanto a geografia presente em sala de aula é a denominada geografia dos professores, caracterizada pelas aulas de interpretação de texto, reprodução do que o professor emite e resumos do capítulo que não contribuem para o

desenvolvimento de um cidadão crítico, capaz de refletir, de identificar os problemas da sociedade em que está inserido e agir como ator das soluções e discussões dessas dificuldades que cercam o indivíduo, “ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as bases espaciais. Por causa disso a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz porque a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente “inútil” (Lacoste, 1994 p.31).

3. Considerações finais

O presente trabalho apresentou diferentes experiências de circulação dos estudantes e o que motiva este movimento. Os resultados sugerem que a estrutura urbana e educacional, o fracasso acumulado das políticas públicas para transporte e educação e a busca por distinção fazem com que milhares de crianças passem parte significativa de suas vidas nos percursos para a escola.

Da mesma forma, a partir deste artigo, um debate parece premente, diante dos dados analisados: o do acesso das crianças habitantes de regiões periféricas do DF a escolas próximas de suas residências, especialmente de boa qualidade. A busca por escolas públicas no Plano Piloto de Brasília por crianças moradoras de outras regiões do DF e de seu entorno demonstra a necessidade de melhorar a qualidade da educação oferecida por estabelecimentos públicos nas demais RAs, bem como de promover incentivos para atrair recursos humanos qualificados.

Por fim, este estudo pode contribuir para repensar as políticas de mobilidade urbana de crianças em fase pré-escolar e escolar. Dado o tempo despendido em carros, vans escolares e ônibus de linha por crianças, faz-se necessário saber mais sobre o que ocorre nesses contextos e qual a compreensão das crianças a respeito dessas situações.

Referências

LEITE, A. F. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Volume 21, 1998.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. Geografia, Londrina, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez/ 2011. Acesso em: 20 de setembro de 2014

PENNA N. A. Planejamento urbano e estratégias empreendedoras em Brasília. Finisterra – p.109-127, 2012

CODEPLAN (2018). *Microdados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios 2018*.

GDF – GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (2018). *Síntese de informações socioeconômicas e geográficas*. Brasília.

GDF - GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (2018). Assessoria de Planejamento e Ordenamento Territorial – (ASPOT).

PENNA, N. A. Política Urbana: a ação do Estado no Distrito Federal. 1991. 149

f. Tese (Mestrado em Planejamento Urbano) – Departamento de Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

ALVES, B. F; ALVES, D. F. Geografia Cultural: da sua gênese ao contexto das contribuições atuais. In: 4 Semana do Servidor e 5 Semana Acadêmica. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2008.

COSTA, Lucio. Lucio Costa: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

MIRAGAYA, Júlio. Perfil da distribuição dos postos de trabalho no distrito federal: concentração no plano piloto e déficits nas cidades-dormitório. Brasília: CODEPLAN, 2013.

HOLANDA, Frederico de. Brasília: utopia ou segregação à brasileira? Le Monde Diplomatique Brasil – Copyleft, São Paulo, 26 abr. 2016.

LACOSTE, Y. Da Geografia dos professores aos *écrans* da geografia- espetáculo. In LACOSTE, Y. A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1993.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e Práticas de Ensino. Goiânia: Editora Alternativa, 2002:11-27.

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; HEIDRICH, Álvaro. O ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora. Terra Livre, São Paulo, n. 16, p. 169-193 2001.

TUAN, Y.F. (1983) Espaço e Lugar. São Paulo: Difel

HOLZER, W. A. A Geografia Humanista: uma revisão. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1996

PAVIANI, A. - Geografia urbana do Distrito Federal: Evolução e Tendências, Brasília, Espaço & Geografia Vol. 10 (2007)

BEZERRA, A. B. et al. (2015). Análise espacial dos fatores associados à realização de cesariana no Distrito Federal em 2009. *Espaço & Geografia*, v. 18, n. 2, pp. 329-346.

1. IDENTIFICAÇÃO:

Autor: <i>Rayanne dos Santos Barroso</i>			
RG: <i>3318108</i>	CPF: <i>045.496.681-48</i>	E-mail: <i>rayanne.barrosa96@gmail.com</i>	
Telefone:	Celular: <i>61.98418-6057</i>	Data de apresentação: <i>18/12/2020</i>	
Título: <i>Leitura do espaço de estudantes em movimento pendular casa- escola no Distrito Federal-Brasil. Jomameia - Plano.</i>			
Palavras-chave: <i>Processos urbanísticos, dinâmica espacial e desempenho escolar.</i>			
Curso: <i>Geografia</i>		Departamento: <i>Geografia</i>	
Tipo: () Graduação - Licenciatura () Graduação - Bacharelado (x) Graduação - Dupla Habilitação () Especialização		Orientador: <i>Marli Sales</i>	

2. INFORMAÇÃO DE ACESSO AO DOCUMENTO:

Liberação para disponibilização: (x) Total () Parcial ^{1,2,3,4}
Em caso de disponibilização parcial, especifique os capítulos a serem retidos:
Observações: ¹ É imprescindível o envio do arquivo em formato digital do <u>trabalho de conclusão de curso completo</u> , mesmo em se tratando de disponibilização parcial. ² A solicitação de disponibilização parcial deve ser feita mediante justificativa lícita e assinada pelo orientador do trabalho, que deve ser entregue juntamente com o termo de autorização. ³ A restrição poderá ser mantida por até um ano a partir da data de autorização da disponibilização. Para a extensão desse prazo deve ser solicitada novamente junto à UnB-BCE. ⁴ O resumo e os metadados ficarão sempre disponibilizados.

3. LICENÇA:

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA
<p>O referido autor:</p> <p>a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.</p> <p>b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade de Brasília os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.</p> <p>Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade de Brasília, declara que cumpriram quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.</p>
LICENÇA DE DIREITO AUTURAL
<p>Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM) a disponibilizar meu trabalho de conclusão de curso por meio do site bdm.unb.br, com as seguintes condições: disponível sob Licença Creative Commons 4.0 International, que permite copiar, distribuir e transmitir o trabalho, desde que seja citado o autor e licenciante. Não permite o uso para fins comerciais nem a adaptação desta.</p> <p>A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido. Caso o autor opte por outra forma de licença, pedimos que entre em contato com o Setor de Gerenciamento da Informação Digital (GID) da Biblioteca Central da UnB, no telefone 3107-2687.</p>

Brasília - DF *18/01/2021*
 Local Data
Rayanne dos Santos Barroso
 Assinatura do Autor